

NOVAS DEMANDAS NECESSÁRIAS À FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR E SUA ATUAÇÃO DIANTE DAS DIVERSIDADES DA CONTEMPORANEIDADE

Fabiana M. B. Calderolli¹

Mestranda em Linguística Aplicada - LAEL-PUC-SP

Tatiane Molini Barros²

Mestranda em Linguística Aplicada - LAEL-PUC-SP

Flavia Fernandes Camacho³

Mestranda em Linguística Aplicada - LAEL-PUC-SP

Angela B. C. Themudo Lessa⁴

Doutora em Linguística Aplicada LAEL-PUC-SP

Grassinete C. de A. Oliveira⁵

Doutora em Linguística Aplicada LAEL-PUC-SP

RESUMO

Por meio deste artigo, visamos à reflexão acerca da importância da perspectiva ética, intersubjetiva, interdisciplinar e transdisciplinar (Moraes, 2008) na formação continuada dos professores, no que diz respeito ao preparo deste profissional ao lidar com as diversidades presentes na sala de aula contemporânea. O desenvolvimento desse trabalho acontecerá a partir da análise de uma reportagem presente na mídia, na qual um professor de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) é denunciado pelos próprios alunos por apresentar comentários racistas e, avançará para a tessitura sobre a importância de uma postura inter- e transdisciplinar na formação continuada dos professores, desde a educação básica, em uma atitude de respeito e preparo do aluno para a vida, incluindo a acadêmica. Fundamenta-se também na epistemologia da complexidade (MORIN, 2003,2011), na possibilidade do professor reformar o pensamento e considerar a ecologia do atual contexto em que vive, em um mundo em movimento e constante necessidade de espaço de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006).

PALAVRAS-CHAVE: Formação do professor. Ética. Interdisciplinaridade. Transdisciplinaridade. Diversidade.

INTRODUÇÃO

Diante das contribuições da Linguística Aplicada (LA) ao estudar de maneira crítica as contradições e incertezas do mundo atual (ALMEIDA et al, 2018), podemos

¹ Endereço Eletrônico: fabiana.calderolli@gmail.com

² Endereço Eletrônico: barros_tatiane@hotmail.com

³ Endereço Eletrônico: fcamacho165@gmail.com

⁴ Endereço Eletrônico: cavenagh@uol.com.br

⁵ Endereço Eletrônico: grassinete@hotmail.com

perceber que o papel do professor apoiado nos fundamentos pedagógicos do paradigma tradicional está cada vez mais distante de atender às expectativas da contemporaneidade. Com este cenário, pretendemos por meio deste artigo apresentar a necessidade das formações, especialmente as continuadas, de modo a possibilitar novas posturas docentes que atendam às demandas da sala de aula de hoje.

Um exemplo é o de um professor de Economia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) que é denunciado pelos próprios alunos, por apresentar comentários racistas e preconceituosos durante a aula, a partir de uma reportagem no site da g1.globo.com⁶. Cabe ressaltar aqui que o nosso interesse como professoras, pedagogas e pesquisadoras do Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), é o de contribuir para uma educação mais solidária e mais preparada ao lidar com as diferenças, enfatizando a importância de teorias e metodologias mais atuais e contextualizadas na formação continuada do professor, independentemente do seu nível de atuação nas escolas.

Por meio desta tessitura, buscamos a importância da ética e do respeito às diferenças exigidas na contemporaneidade, em especial, na figura do professor, devido à sua grande responsabilidade em preparar o indivíduo para atuar no mundo em que vive. Voltamos a nossa atenção ao despreparo, em geral, que muitas vezes o profissional de educação tem em lidar com situações emergentes no cotidiano escolar, as quais requerem atitudes diferenciadas, baseadas em perspectivas mais amplas, além das fronteiras conteudistas de cada disciplina, mas com abrangências inter- e transdisciplinares (MORAES, 2008).

Priorizamos a formação continuada do professor por entendermos a sua relevância na contribuição em desenvolver continuamente não só o próprio educador, mas consequentemente, o aluno, nos diversos contextos em que ele aprende e atua. Também optamos por esse direcionamento porque a maioria dos professores de hoje ainda passaram por uma formação mais pautada em uma perspectiva tradicional de ensino, em que o conteúdo, de maneira fragmentada, era privilegiado sem necessariamente passarem por questões que envolvessem uma postura mais solidária.

⁶ ARPINI. N. Alunos da Ufes denunciam professor... Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/11/alunos-da-ufes-denunciam-professor-por-preconceito-em-sala-de-aula.html>>. Acesso em 25/09/2019.

Não pretendemos nos aprofundar em teorias que dizem respeito ao racismo especificamente, como no caso da reportagem citada, por entendermos que esse não é o enfoque principal da nossa pesquisa, mas sim a urgência de formar educadores mais solidários e preparados em lidar com as demandas da diversidade presente na nossa atual realidade social.

Para tanto, iniciamos o artigo, direcionando o olhar para a necessidade de novas posturas docentes, mais éticas e humanas, pautadas em aberturas em relação ao novo, ao diverso e que não se baseiam em certezas, mas permitam o avanço em direção ao desconhecido, de maneira inter- e transdisciplinar, conforme afirma Moraes (2008).

Buscamos ainda suporte na LA contemporânea, a qual, por meio da linguagem, nos proporciona um olhar de pesquisa crítica para as demandas sociais e educacionais, e ao entrelaçar o mundo prático com o científico, sugere a presença de novos sujeitos em novos espaços de “desaprendizagem” (FABRÍCIO, 2006), como um movimento de “colocar abaixo” as verdades que até então prevaleceram, inclusive nas formações de professores com viés tradicional. Por fim, procuramos evidenciar que posturas mais restritas de professores, carregadas de preconceitos, precisam ser revisitadas e, quem sabe, modificadas, por meio da existência de formações mais contextualizadas e/ou ecologizadas (MORIN, 2011) e suas implicações no meio em que ocorrem.

NOVAS DEMANDAS DOCENTES

A figura de um profissional aberto às necessidades de mudanças, à ética, à intersubjetividade presente nas relações dos sujeitos e à interdisciplinaridade e transdisciplinaridade (MORAES, 2008) passa a ser uma necessidade emergente na sustentação do processo de ensino-aprendizagem, o qual requer diferentes metodologias e estratégias.

Um professor mais comprometido com a ciência que reintegra o sujeito esquecido pelo paradigma tradicional é mais apto a reconhecer que as certezas científicas não passam de certezas provisórias (CAPRA, 1997) e, portanto, atenta-se ao fato de que há uma relação indissociável entre sujeito observador, objeto observado e processo de observação, no qual o sujeito participa de forma completa, sem se separar de suas emoções, sentimentos, intuições, reflexões e ações.

Fato é que o atual contexto escolar exige uma reforma do pensamento (MORIN, 2003), sendo necessário substituir o pensamento que separa e distingue por um que una e entrelace, de modo que possamos contribuir de forma significativa para que se abram espaços de discussão, reflexão e de ação sobre as diferentes práticas de preconceitos. Para tanto, faz-se necessário ter um pensamento complexo, no sentido do termo *complexus*, que é tecido junto (MORIN, 2003), pois não é mais possível manter-se na linearidade Newtoniana-cartesiana. Seguindo essa perspectiva e de acordo com Moraes,

[N]essa teia interconexa (...) não há nada que seja primordial, fundamental, primário ou secundário, pois já não existe mais nenhum alicerce, fixo e imutável (...). Não existe uma ciência ou uma disciplina que esteja uma acima e outra abaixo (MORAES, 2003, p. 75).

Podemos perceber que é na interconexão entre as áreas do conhecimento, com os educadores em uma relação dialógica-dialética, que é possível tecer juntos um pensamento (trans)formador e complexo sobre as ações pedagógicas desenvolvidas. Para tanto, ao possibilitarmos novas oportunidades de refletirem sobre as ações pedagógicas, é possível encontrar novos caminhos para que ocorra a redução do preconceito, desde que os sujeitos envolvidos reconheçam possíveis práticas preconceituosas e busquem mecanismos que levem a uma revisão de suas crenças e valores em prol de uma reforma do pensamento.

Moraes (2008) destaca que a ética deve estar sempre presente em todo ato educativo, tanto em sua essência como na prática. Apresenta, ainda, a importância de se atentar ao princípio da mudança que engloba todas as dimensões constitutivas dos sistemas vivos e, por isso, está presente em todas as estruturas organizacionais. Ao ampliar o olhar em direção a “uma ética que se revela no respeito pelo outro, na solidariedade com o outro, na cooperação e na preservação de uma cultura ética comum a todos” (MORAES, 2008, p. 110) poderemos ressignificar práticas e costumes considerados cristalizados.

Podemos entender que a ética é uma questão atitudinal ao permear todas as ações humanas e, nas instituições de ensino, devido às possibilidades que o professor tem em influenciar seus discentes, é necessário que ele esteja atento ao fator humano em suas relações e busque por diferentes formas de aprender e de ensinar um mesmo tema ou

conteúdo, oferecer um olhar solidário que facilite a construção das relações colaborativas dentro e fora da sala de aula.

Para tanto, é necessário também apropriar-se de posturas interdisciplinares e transdisciplinares, conforme explica Moraes (2008) e Morin (2011), com atitudes que envolvam a unicidade do conhecimento e superem, assim, a sua fragmentação, o seu reducionismo para embrincar-se aos movimentos de renovação social, política e cultural. Esses movimentos buscam por ações que ultrapassem a alienação, a separatividade e solicitam novos valores para serem compartilhados em espaços mais solidários de convivência.

Uma educação inter- e transdisciplinar ultrapassa fronteiras e segue em direção ao desconhecido, ao novo, ao diferente. Possibilita que diversos saberes sejam articulados e novos conhecimentos sejam tecidos no processo de ensino-aprendizagem, produzindo novas perspectivas de observação e reflexão, capazes de transformar a todos e ao meio em que atuam.

De modo semelhante, Freire e Leffa (2013) utilizam dessa perspectiva para trazer a concepção da auto-heteroecoformação tecnológica do professor. Essa concepção é amparada por uma teoria tripolar de formação (PINEAU, 2006), a qual identifica três movimentos que permeiam a formação do indivíduo: autoformação, heteroformação e ecoformação. A autoformação é a ação do sujeito, social e individual, é a apropriação pelo indivíduo da sua formação. A heteroformação é a ação dos indivíduos uns com os outros, é a coformação. E a ecoformação é a relação do indivíduo com o ambiente e do meio ambiente sobre os indivíduos.

Os três movimentos ocorrem de maneira complementar e recursiva, em um ir e vir contínuo de aprendizagem e desenvolvimento nas quatro dimensões da concepção ternária dos processos formativos: ação, sujeito, objeto e relações. Daí, podemos entender que a auto-heteroecoformação não se aplica apenas à tecnologia, mas em todas as dimensões da educação e do mundo em que vivemos, devido à existência de influências contínuas por meio das relações entre os sujeitos e o meio, o que a torna um caminho de acesso para trabalhar questões urgentes, como o preconceito e a intolerância ao diverso, por exemplo.

NOVOS CAMINHOS A SEGUIR

Concordamos com a necessidade do educador estar em constante (des)aprendizagem, conforme orientado por Fabrício (2006), já que a aprendizagem é contínua, progressiva, incorporada ao indivíduo, com a necessidade de se rever práticas cristalizadas. A orientação atenta para a necessidade de desestabilização, de convite à dúvida, à reavaliação e à reconstrução de conceitos que atendam às (novas) demandas existentes, agindo em prol de um olhar mais justo e inclusivo. (Des)aprender, nesse contexto, desafia-nos a questionar as certezas e a repensar nossas atitudes, crenças e valores.

Na área da educação, como já mencionamos, muitas das práticas pedagógicas que permeiam os docentes da educação básica e do nível superior ainda se mantêm pautados em uma perspectiva tradicional, de ensino conservador, defendendo o conhecimento separado do sujeito e não contribui para as transformações sociais necessárias.

Ressalta-se não estarmos desconsiderando as teorias e metodologias tradicionais, porque estaríamos negando a nossa própria formação e o que se foi feito até aqui, mas ampliamos o olhar para a necessidade de relacionarmos as teorias com as práticas, especialmente, as sociais, para sermos capazes de problematizar os modos de produção do conhecimento e possibilitarmos, assim, novos modos de agir sobre o mundo em que se vive. Dessa forma, não se trata de acúmulo de saber, mas de ressituar-lo e ressignificá-lo, uma vez que essas mudanças pleiteiam processos de construção de conhecimentos e implicam invariavelmente em mudanças da vida social (MOITA LOPES, 2006), na possibilidade de se desenvolver uma transformação mais integral e humana dos sujeitos com o mundo.

O caso do professor da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)⁷, foco deste artigo, apresenta uma atitude de preconceito em aula, ao expressar que “detestaria ser atendido por um médico ou advogado negro”, por exemplo. Este professor foi denunciado por seus alunos, que puderam dar voz a sentimentos como dor e indignação, reprimidos durante muito tempo em nossa sociedade e, conseqüentemente, na educação.

É bem verdade que desconhecemos a história de vida e o contexto educacional pelos quais esse professor passou, todavia, acreditamos ser possível criar espaços de

⁷ ARPINI. N. Alunos da Ufes denunciam professor... Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/2014/11/alunos-da-ufes-denunciam-professor-por-preconceito-em-sala-de-aula.html>> . Acesso em 25/09/2019.

formações continuadas com aberturas para reflexões constantes sobre o fazer pedagógico, com abertura para educadores discutirem posturas semelhantes, e possam rever seus valores, olhar o mundo com outras perspectivas, de modo a estabelecer relações mais humanas e solidárias.

Diante da atitude preconceituosa do professor da UFES, podemos conjecturar ao menos em duas possibilidades de educação e formação, as quais possa ter experienciado. A primeira, diz respeito ao educador da reportagem ter vivenciado uma educação não-formal, que limita a compreensão e o respeito ao diverso, assim como uma educação formal apoiada no ensino tradicional, na transmissão de conteúdos apenas, sem o entendimento da ótica das relações. Neste caso, ele pode não ter condições de refletir sobre questões como ética e solidariedade, pois, provavelmente, não aprendeu a enxergar o macro para identificar quantas diferentes conexões há nas relações, na sala de aula, que fazem o seu pano de fundo.

A segunda, consideramos como hipótese o professor haver vivenciado espaços de educação não-formal e/ou formal, considerando os conceitos de solidariedade e ética nas interações sociais, mas ainda não conseguiu desenvolver um olhar mais atento às diferenças. Neste caso, entendemos ser necessário a existência de processos formativos mais atuais, com espaços colaborativos e dialógicos que servirão para rever e refletir sobre as próprias atitudes, valores e crenças, além de ponderar sobre novas formas de pensar e agir, de modo a estabelecer uma postura mais solidária.

Oferecer um olhar mais atento para o contexto escolar e abranger indiscutivelmente as diversidades do contexto social em que vivemos é fundamental em todos os âmbitos de aprendizagem. O professor precisa estar preparado para lidar com as diferenças e com as diversas questões que podem atravessar o processo de ensino-aprendizagem, já que vivemos em uma sociedade cada vez mais plural, diversa e multicultural. Assim, o educador necessita estar atento a si mesmo e para discursos que promovam racismo, desigualdades e preconceitos porque é responsabilidade da educação combater tais movimentos.

Outro aspecto importante é refletir sobre a concepção de educação nomeada por Freire (2017) de bancária, o qual o professor é o detentor do conhecimento, transmissor do conteúdo, depositando-o nos alunos. Conteúdos estes apresentados, na maior parte das vezes, isolados em disciplinas e desconectados da realidade do indivíduo. Comprendemos que a visão de educação bancária não responde às demandas das

comunidades escolares de modo satisfatório nos dias atuais, além de não ser sinônimo de resultados eficazes.

Contrárias à educação bancária, para formar alunos éticos, responsáveis, críticos e solidários precisamos de professores que considerem estes princípios em seu modo de ser, estar e fazer. Durante séculos, o ensino se encontrava (e ainda se encontra) desconectado do sujeito, entretanto, nas últimas décadas vimos surgir novas formas de entender o papel da educação e da linguagem na formação de cidadãos críticos, agentes de sua realidade e tem na LA, uma concepção de (des)construção de conhecimentos rígidos, inflexíveis para um espaço de constante desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006).

Ademais, inúmeros teóricos da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006; RAJAGOPALAN, 2006), levantam a discussão de unir saberes entre outros campos de conhecimento com a finalidade de compreender e buscar soluções para os problemas sociais associados à linguagem. Essa visão pede uma LA compreendida como área de estudos (MOITA LOPES, 2006) e com o olhar sócio-histórico e cultural capaz de praticar a *“leveza de pensamento”* (ROJO, 2006, p. 254).

Essa ótica transdisciplinar exige de nós, enquanto educadores, movimentos para estabelecer diálogo-dialéticos, reflexivos e críticos, permeados por diferentes vozes sobre questões urgentes que (se) revelam no olhar preconceituoso em relação ao outro, aos que vivem às margens, aos excluídos.

No mundo contemporâneo, pensar sobre novas formas de construir conhecimento, que realmente impactem positivamente a vida das pessoas, assim como possibilitar formações com temas relevantes e conduzam a reflexões significativas sobre as diferenças sociais existentes, passam a ser necessidades emergentes para uma educação transformadora.

Neste contexto, a LA tem papel fundamental, uma vez que integrante das ciências sociais e vinculada às pesquisas realizadas por outras áreas do saber – sociologia, geografia, história, psicologia e antropologia – ocupa-se de investigar e até buscar soluções diante de práticas sociais conservadoras e preconceituosas (MOITA LOPES, 2006).

Diante do exposto, é necessário considerar que mesmo cursos técnicos e de áreas mais específicas, como exatas e biológicas, podem conciliar em seus conteúdos, questões que compreendam o que significa viver em uma sociedade cada vez mais multicultural, multilíngue, multissemiótica. Para isso, compreendemos que a formação continuada

articulada com uma formação cidadã é um recurso a mais para preencher a lacuna deixada pelo paradigma tradicional e permitir aos professores e alunos uma convivência mais humanizada, respeitosa e ética.

Ao procurar articular a LA e o episódio ocorrido na UFES, pensamos a educação como transgressiva (PENNYCOOK, 2006) e, para além do paradigma tradicional de ensino, considera as questões de linguagem como algo mutável, articulada a contextos múltiplos, com o fazer e o pensar sempre problematizador (PENNYCOOK, 2006, p. 67) sobre formações e práticas docentes desarticuladas com a vida que se vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das reflexões tecidas, entendemos que lidar com a diversidade, seja ela de gênero, raça, religião, entre outras, implica questões como a ética, o respeito à diversidade, a intersubjetividade, a inter- e transdisciplinaridade, alguns dos princípios da epistemologia da complexidade, conforme afirma Moraes (2008). Ampliar a visão de mundo pautada nessas questões e permitir novos olhares para esses conceitos possibilita aos professores que passaram por formações que corresponderam ao paradigma tradicional reverem suas atitudes dentro e fora do espaço escolar e, conseqüentemente, poderem agir de maneira diferente.

Muitas vezes, as próprias experiências vividas na educação não-formal podem ter sido restritas e incapazes de permitir um olhar mais amplo, atento ao diverso, ao outro e às necessidades de mudança da sociedade em questão, pois a educação deve se dirigir à totalidade do ser humano e não somente aos seus componentes.

Morin (2000, p. 11) afirma que uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Em face desse olhar, a educação continuada de professores pode contribuir para refletirmos sobre estas questões. Formar professores mais críticos aos conflitos sociais, existenciais e culturais, mais humanos e solidários, passa a ser uma necessidade emergente no mundo contemporâneo e requer atenção em todos os espaços e níveis de aprendizagem.

Dentro desse contexto, é nosso papel, enquanto educadores e pesquisadores da LA, investigarmos a prática, os discursos, as atitudes e as ações como a do professor da UFES, divulgado nacionalmente, e articularmos com teorias que possibilitem reflexões

e, conseqüentemente, sugestões de novos olhares, novos caminhos e novas práticas educacionais, pautadas na ética, no respeito às diferenças, na inter- e transdisciplinaridade e que venham a contribuir para a possibilidade de darmos voz aos sentimentos ainda silenciados no mundo contemporâneo.

O *desafio de pensar* estimulado por Morin (2011) com a complexidade, é um convite para ultrapassarmos as fronteiras da discriminação e do preconceito e buscarmos por formações em que a aprendizagem emerge justamente do campo relacional, sem verdades absolutas e pré-concebidas, mas em busca de novos caminhos para uma educação mais igualitária, justa e de qualidade. Ao descortinar as certezas e pensar em educação e formação de educadores abertas para as incertezas, para as imprevisibilidades e (super)diversidades presentes na sociedade, estaremos aptos a promover a criticidade, transgredindo as fronteiras do pensamento cristalizado e de políticas tradicionais (PENNYCOOK, 2006) de ensino.

REFERÊNCIAS

- ARPINI, N. Alunos da Ufes denunciam professor... Portal G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2014/11/alunos-da-ufes-denunciam-professor-por-preconceito-em-sala-de-aula.html>>. Acesso em 25/09/2019.
- ALMEIDA, M. C.; REIS, M. K. S.; FRANÇA, F. (org.) *Edgar Morin: conferências na cidade do sol* (Natal/Brasil 1989-2012). Natal: EDUFRN, 2018.
- CAPRA, F. *A teia da vida*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescições em curso. In. MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola Editorial. 2006.
- FREIRE, M.; LEFFA, V.J. A auto-heteroecoformação tecnológica. In MOITA LOPES, L. P. (org). *Linguística Aplicada na Modernidade Recente*. Parábola Editorial. 2013.
- FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- _____, P. *Pedagogia do oprimido*. 63^a. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.
- MOITA LOPES, L. P. Da aplicação da Linguística à Linguística Aplicada indisciplinar. In. MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola Editorial. 2006.

MORAES, M. C. *Ecologia dos saberes: Complexidade, transdisciplinaridade e educação*. São Paulo: Antakarana e ProLibera. 2008.

_____. *O paradigma Educacional Emergente*. Papirus Editora, 2002 – Campinas-SP.

MORIN, E. *Os setes saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. Revisão Edgar A. de Carvalho - 2a ed. -São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. - 8a ed. -Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução de Eliane Lisboa. 4.^a ed. Editora Sulina, 2011.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In. MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola Editorial. 2006.

PINEAU, G. *Investigaciones transdisciplinarias em formación*. Anais da jornada de Innovación Universitária: Transdisciplinaridad. Barcelona. Universidade de Barcelona, 2006.

ROJO, R. H. R. Fazer linguística aplicada em perspectiva sócio-histórica. In. MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. Parábola Editorial. 2006.

NEW DEMANDS NECESSARY FOR CONTINUING TEACHER TRAINING AND ITS OPERATION BEFORE DIVERSITIES OF CONTEMPORANEITY

ABSTRACT

The aim of this paper is to examine the relationship among teacher education and the challenges posed by the new demands of the contemporary scenario. This paper proposes analyze the importance of the transdisciplinary, intersubjective and ethics attitude in the continuing education of teachers and the way they deal with all different situations they face inside their classrooms. This analysis is based on a report from a Brazilian TV station about a professor of Economics from Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), who is accused of racist comments by his own students and how important it is to have a transdisciplinary approach by the teacher throughout all his life including his professional life. This paper is based on the complexity epistemology (MORIN, 2003, 2011) which will provide the possibility of reform of thinking and consider the learning ecologies of our current life.

KEYWORDS: teacher education, ethics attitude, transdisciplinarity, interdisciplinarity.

Envio: março/2020

Aceito para publicação: setembro/2020